

Editorial??!

Esse é um fanzine experimental, uma publicação independente do GIA Grupo de Interferência Ambiental. Ele pretende divulgar textos e imagens de relevância cultural, despertando nas pessoas o interesse pelas diversas manifestações artísticas contemporâneas e suas linguagens plurais, mais especificamente aquelas relacionadas com a prática da intervenção urbana.

Sem fins lucrativos, esse periódico será distribuído gratuitamente em locais que de alguma forma estejam ligados a ações artísticas/culturais. Ele deverá apresentar imagens e textos sobre temas do cenário artístico contemporâneo, dando ênfase a obras e idéias de coletivos atuantes no Brasil (e no mundo), assim como trabalhos de intelectuais e artistas individuais cujo embasamento conceitual dialogue com tais propostas.

Por se tratar do primeiro número, não houve uma preocupação do grupo em delimitar um tema específico; a única exigência do GIA foi que os colaboradores escrevessem textos (ou enviassem imagens) relacionados às manifestações artísticas atuais.

Assim sendo, o fanzine apresenta, inicialmente, um texto de Cristiano Piton, integrante do GIA, em que ele levanta uma série de questões a partir das suas vivências como artista plástico e arte-educador; em seguida, o texto da jornalista Fernanda Albuquerque aborda questões referentes às ações do GIA, como *Não-Propaganda*, *Cama* e os *Panfletos*; o último texto "Arquivismo: mobilizando e dando lugar a certa produção atual em artes visuais" de Cris lar Ribas fala das experiências da artista a partir do seu projeto intitulado "ARQUIVO DE EMERGÊNCIA: documentação de eventos de ruptura". Finalmente, o fanzine termina com o edital do EIA (Experiência Imersiva Ambiental) 2006, um evento de arte pública realizado em São Paulo.

O GIA pretende, portanto, através de suas ações no espaço público, propor um diálogo entre arte e cotidiano, oferecendo às pessoas novas formas sensíveis de relação com o meio urbano. Assim sendo, essa publicação visa a ampliar esse diálogo, estabelecendo um intercâmbio com intelectuais, artistas e curiosos de todo o país.



Começar a escrever um texto é sempre complicado,

ainda mais escrever um texto para o nosso caderno. São tantas questões a serem abordadas, tantas angústias e ansiedades... escolhi escrever um texto sem muita atenção, sem regras da ABNT, sem citações ou referências bibliográficas, uma conversa informal sobre o cotidiano, como nossos trabalhos do GIA, executados nas ruas. Não é um anti-texto, não é protesto nem bandeira, só uma conversa escrita sobre o que vier à mente... acho que é só uma forma de avaliar uma parte do nosso processo de criação.

Barrio falava que a criação deve ser livre, não se prendendo a materiais, ou mercado. Acredito que a arte não deve ser vinculada a necessidades mercadológicas e sim a necessidades sociais e quando digo isso não quero associar a arte ao ativismo político, só quero dizer que o ser humano precisa criar e que a arte é uma grande forma de extravasar criatividade, mas está distante da maior parte da população....

Nos anos de relação com arte (como artista e como arte educador), percebi o quanto a possibilidade de criar utilizando a arte seduz e emociona as pessoas, então por que elas não se aproximam da arte? Às vezes fico observando a frente das galerias e me pergunto como se parecem com fortes onde a arte está guardada...ou como diria o 3Nós3: "o que está dentro fica, o que está fora se expande".

Executar intervenções nas ruas, além de ser divertido (por proporcionar a observação das reações, entrar em contato com pessoas diferentes, se surpreender com elas, ter que se adaptar a realidades distintas), possibilita modificações pequenas no cotidiano das pessoas, que se deparam com situações inesperadas acontecendo em seus caminhos de todos os dias... Elas podem nem se dar conta do que está acontecendo, que aquilo tem alguma relação com arte (muitas vezes é até melhor que não identifiquem como arte, pois depois de catalogada, a estranheza é esquecida...), mas muitas são tocadas de alguma forma e essa experiência é a obra... A obra se constrói a cada transeunte que faz cara de estranhamento, se aproxima com cautela ou solta uma piadinha infame. A situação é construída, as informações são estranhas, algo muda (mesmo que seja no interior do "artista proponente").

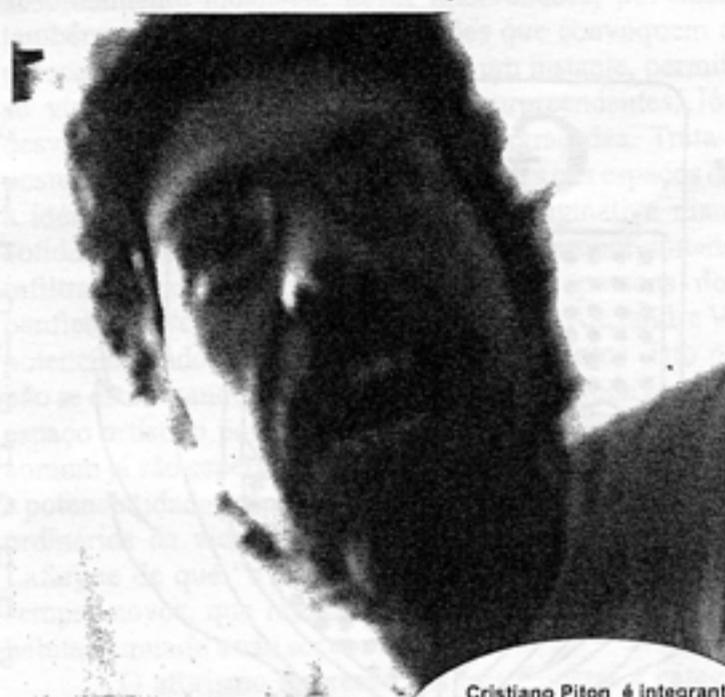
Como encarar o mercado diante disso? Dá para sobreviver disso? Mas para sobreviver disso não seria necessário se adaptar a uma estrutura que está sendo questionada? Seria possível tomar proveito da estrutura para questioná-la, ou não? Vivemos num terreno de incertezas e de reticências...

Sei que não seria prazeroso ter que escrever este texto obedecendo às regras e pensando duas vezes antes de escrever... A proposta é essa: sentar numa mesa de boteco e poder conversar sem amarras...A diferença é que na mesa de boteco não existem registros...Mas os registros também têm papel importante nas propostas de trabalho do GIA, é através deles que conseguimos ampliar as discussões a respeito dos nossos trabalhos, levar um pouco das experiências das ruas para falar sobre elas depois, com outras pessoas interessadas naquilo que fazemos... uma espécie de álbum de fotos que compartilhamos. Mas os trabalhos, as intervenções? Essas estão nas ruas.

Pode ser isso, talvez seja, a rua é o espaço da vivência, discussão e a galeria, o da reflexão. Outro dia sonhei que algumas telas expostas numa famosa galeria discutiam diversas teorias sobre como seria bom tomar um ar do lado de fora...respirar um pouco.....as telas estavam no museu, mas sonhavam com a rua....que é o espaço de viver...

É isso,
e um monte de coisas...

Cristiano Piton (GIA)



Cristiano Piton é integrante do GIA...mora em Pernambués, (um bairro de Salvador) com sua família numa casa cheia de gatos e plantinhas!



"Quanto Vale a Arte?"

Trabalho executado pelo GIA em conjunto com a associação de artesãos "Feira das Artes" no cortejo do 2 de Julho de 2006 em Salvador-BA.



...No Salão de Maio falamos claro: “falou”, mas nego não entendeu direito. GIA? Uma turma? Uma família? Essa não. Igual a religião. Não tem swing e swing, brincadeira, chinfra; malandragem é sinal de GIA no lance. Senão, não tava vivo. Repito: talvez um time. O importante é todos juntos se perdoando pelas marcações diárias mas se criticando a cada vacilo. Cada um atento para não atentar o outro. Sem nenhuma segurança materi-ou-mental, sempre zero, se adiantando sempre. Virando mesmo um “viver-disso”....

*Texto retirado do encarte de um disco dos Novos Baianos (com adaptações)



Sobre ternura, humor, arte e política

Por Fernanda Albuquerque

Pode a arte interferir ou transformar a realidade social? Quais as possibilidades de diálogo entre arte e vida? Questões como essas já incitaram debates inflamados na história da arte e ainda hoje provocam polêmica por onde passam. A razão é simples: o casamento entre arte e política nem sempre é visto com bons olhos por artistas e teóricos. Há um certo temor de que, na dinâmica conjugal, as questões de ordem política se sobreponham às de ordem artística como se estivéssemos falando de interesses necessariamente dissonantes, o que acarretaria um inevitável empobrecimento da obra. Para não correr o risco, a solução seria apostar na chamada autonomia da arte e investir em trabalhos que apresentam pouca ou nenhuma relação com seu contexto político, econômico e social. Este é um ponto de vista. Na outra ponta do debate, estão aqueles que não acreditam na possibilidade de uma arte efetivamente neutra e autônoma e que, dadas as profundas desigualdades que caracterizam o mundo de hoje, entendem que os artistas podem, sim, posicionar-se frente a elas. E até mesmo intervir, se esse for o caso.

A discussão dá pano pra manga. E se até pouco tempo atrás podia soar fora de moda, definitivamente varrida do debate artístico após o propalado fim das utopias, não há dúvidas de que ela vem sendo retomada. E com força. Não por acaso foi mote da 11ª Documenta de Kassel, em 2002, e alimentou a concepção da 27ª Bienal de São Paulo, organizada em torno do tema "como viver junto". A novidade é que as relações entre arte e política já não são mais pensadas como há quarenta anos atrás, quando artistas ligados às novas vanguardas levaram às últimas conseqüências a discussão sobre a natureza da arte e seu papel na sociedade, operando transformações cruciais na produção artística. Findas as grandes utopias, não se trata mais de apostar em uma revolução através da arte, mas de acreditar na possibilidade de intervir, ainda que singelamente, no nosso entorno, defendendo a idéia de uma atitude menos passiva diante da realidade.

É essa a postura expressa pela produção de muitos coletivos da atualidade, agenciamentos formados por jovens artistas que atuam de forma colaborativa no desenvolvimento de propostas artísticas. Exemplo disso são as intervenções do GIA, de Salvador, ou "interferências urbanas", como prefere chamar o coletivo, criado em 2002 por um grupo de estudantes da Escola de Belas Artes da UFBA. Executadas quase sempre no espaço urbano, suas ações refletem uma compreensão da arte que se aproxima muito mais da produção de experiências do que da criação de objetos artísticos únicos e acabados. Trata-se, na sua maioria, de trabalhos efêmeros, realizados a partir de materiais simples e baratos, e pautados na elaboração de situações que se infiltram nos espaços da vida e buscam promover um certo estranhamento, encantamento ou indagação por parte do público.

É o caso dos panfletos "acredite nas suas ações", distribuídos pelo GIA no SPA das Artes 2005, em Recife. Em três versões, os folhetos convidam o público a realizar pequenas intervenções na cidade. São ações simples e poéticas, que estimulam outros olhares, posturas e envolvimento com o espaço onde as pessoas vivem. Uma das filipetas sugere que amarramos uma mensagem a um balão, preferencialmente vermelho, e o soltemos a partir de um lugar alto, observando as reações das pessoas. Outra versão propõe que se produza um carimbo com uma idéia "positiva e criativa", imprima o "recado" em sacos de pipocas e ofereça-os a um pipoqueiro da cidade. Já a terceira filipeta estimula o público a reunir amigos a fim de realizar uma fila para observar algo fantástico, mas que já se tornou comum na cidade, de forma a chamar atenção para esse aspecto.

Afetuosas e muito bem-humoradas, as três propostas encorajam o público a intervir poeticamente no local onde vivem, deixando suas rotinas diárias por um momento para produzir

mensagens e lançá-las "ao vento" ou para assinalar determinadas particularidades da cidade onde vivem de forma absolutamente inusitada. Essas intervenções, por suas vez, também se propõem a criar situações que convoquem outras pessoas a suspender suas rotinas por um instante, permitindo-se vivenciar outras experiências surpreendentes, lúdicas, desviantes, temas ou simplesmente engraçadas. Trata-se de postular já não mais no espaço da arte, mas nos espaços da vida a idéia de uma postura mais ativa e imaginativa diante do cotidiano. Nesse sentido, a "camuflagem" proporcionada pela infiltração do trabalho no dia-a-dia das pessoas dota os panfletos do "conteúdo virótico" de que fala Alexandre Vogler, potencializando seus possíveis desdobramentos. Isto porque não se está atuando em um espaço onde tudo pode acontecer o espaço artístico por excelência, onde o estranho e o fora do comum já são esperados pelo público, mas está se estendendo a potencialidade própria do espaço da arte a lugares e situações ordinários da vida. A operação remete à noção de Bernard Lafargue de que "o próprio da arte é criar lugares estéticos sempre novos, que relembram ao homem que ele não pode habitar o mundo a não ser como poeta".

O aforismo impresso nas três filipetas é categórico: "Acredite nas suas ações". E logo após, em letras menores: "Desenvolva e utilize, também, outras formas de se relacionar de forma positiva e criativa com a cidade". Ora, incitar as pessoas a acreditar nas suas ações é uma proposição extremamente simples, porém de uma potência extraordinária. Significa convocá-las a agir. E mais: a fazerem-se presentes em seus atos e a levarem a sério aquilo que fazem, confiantes no poder que seus gestos mais simples podem ter. Trata-se de estimular as pessoas a tornarem-se, de fato, sujeitos de suas histórias. Há necessidade mais premente que essa?

O trabalho fala, assim, de uma aposta na poesia, no afeto, na delicadeza, na imaginação e no bom-humor como estratégias para interferir, ainda que transitoriamente, na realidade. Ou como estratégia para provocar sensibilidades, questionamentos e atitudes. Trata-se de trabalhar a partir do que é dado o automatismo e a aspereza do dia-a-dia na cidade para explicitar o que pode ser feito sonhado, imaginado e desejado a partir dali. A estratégia traduz o que Nicolas Bourriaud entende como a ação política mais eficaz que o artista pode realizar hoje: mostrar o que pode ser feito a partir do que nos é dado. Nesse sentido, tal ação não indicaria "a esperança em uma revolução, mas a manipulação das formas e das estruturas que nos são apresentadas como eternas ou 'naturais'". Com esse espírito, defende o crítico francês, pode-se efetivamente "mudar as coisas de uma maneira muito mais radical".

Outra intervenção que exemplifica a atitude artística do GIA é a série *Não Propaganda*, realizada pelo grupo desde 2003. Nela, o coletivo se apropria de suportes publicitários de baixo custo, tais como cartazes, panfletos, faixas e até mesmo os chamados homens-sanduíches, e subverte sua função comercial, colorindo-os inteiramente de amarelo, sem imprimir qualquer conteúdo em sua superfície. O interessante é que as "não propagandas" são divulgadas da mesma maneira que uma ação de merchandising qualquer. Os artistas já distribuíram panfletos no mercado público, vestiram-se de homem-sanduíche no centro de Salvador, amarraram faixas junto a semáforos e distribuíram cartazes amarelos a foliões em pleno carnaval. São operações simples, que apontam, contudo, para um problema crucial: a presença massiva da publicidade nas grandes cidades, seu papel e significado. A eliminação dos conteúdos habitualmente impressos nesses suportes ressalta, num efeito reverso, sua própria existência, pois instiga a atenção dos passantes e atenta para o fato de que os discursos publicitários não são tão invisíveis ou inócuos como já nos podem parecer.

Outro exemplo é a série *Cama*, executada em Salvador desde 2002. O trabalho consiste no posicionamento

de uma cama com um sujeito dormindo em locais públicos da cidade, como praças, calçadas e cruzamentos. Enquanto a cama apresenta-se cuidadosamente arrumada com lençóis e travesseiro, o sujeito veste pijamas, o que reforça a impressão de que a cena foi transportada diretamente de um quarto de dormir para as ruas da capital. A operação se vale de um procedimento caro ao Surrealismo: a aproximação de duas realidades ou objetos aparentemente inconciliáveis por pertencerem a esferas ou campos da vida absolutamente distintos. A questão é que a "situação surrealista" apresentada pelo coletivo evoca uma problemática dolorosamente real: a indiferença cotidiana em relação aos milhares de moradores de rua que dormem, diariamente, nas praças, calçadas e viadutos das grandes cidades brasileiras. Trata-se de habitantes cuja condição de vida "surreal" já se tornou banal aos olhares apressados da maioria de nós.

Radicais ou não em sua atuação politicamente poética, o fato é que as "interferências urbanas" propostas pelo GIA apontam outras possibilidades de se pensar as relações entre arte e política na atualidade. Imbuídas de um certo "espírito utópico", tal qual a noção é defendida por Ernst Bloch, suas ações refletem não uma postura assertiva de afirmação de um novo horizonte concreto e realizável, mas uma postura reflexiva, de indagação em relação ao presente e de "abertura de um espaço de manifestação daquilo que ainda não é". Trata-se de evocar, sim, outras possibilidades de se perceber, vivenciar, desejar e imaginar o real. Porém não através de ações que atuam, objetivamente, na transformação do quadro social em que vivemos, mas através de interferências capazes de provocar pequenas fissuras, ruídos ou curtos-circuitos na realidade, ao promoverem, como diria Bloch, pequenas "rotações do olhar": mudanças no modo como observamos e experienciamos o mundo.



Fernanda Albuquerque é uma loira linda... Defendeu há pouco tempo sua dissertação de mestrado na UFRGS, em que pesquisou alguns coleções brasileiros. Ah! É jornalista também!!!

— NÃO PROPAGANDA —



1
• Selecione papéis amarelados



2
• Recorte-os em partes iguais



3
• Distribua os papéis em locais movimentados e observe as reações.

ACREDITE NAS SUAS AÇÕES

— PIPOCA —



1
• Faça um canjico com uma ideia positiva, super criativa e escreva em sacos de pipoca.



2
3
• Dê os sacos de pipoca a um pipocueiro de sua cidade. Vá por mim, ele vai adorar e será também um grande disseminador de ideias através de deliciosas pipocas.

ACREDITE NAS SUAS AÇÕES

Notas

1. Integram atualmente o GIA (Grupo de Interferência Ambiental): Cristiano Píton, Everton Marco Santos, Ludmila Britto, Mark Dayves, Pedro Marighella e Tiago Ribeiro.
2. Referência ao aforismo impresso nos panfletos.
3. VOGLER, Alexandre. Atrocidades Maravilhosas: Ação Independente de Arte no Contexto Público. In: *Arte & Ensaios*, n.8. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/EBA/UFRJ, 2001.
4. LAFARGUE, Bernard. Nom-Lieu et Lieux de l'Oeuvre d'Art. In: *L'Oeuvre d'Art Aujourd'hui*. Paris: Séminaire Interarts, 2000-2001: 95.
5. BOURRIAUD, Nicolas. O Que É um Artista (Hoje)? In: FERREIRA, Glória; VENANCIO FILHO, Paulo (org.). In: *Arte & Ensaios*, n.10. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/EBA/UFRJ, 2003.
6. BLOCH, Ernst apud VERNER, Lorraine. L'Utopie comme Figure Historique dans l'Art. In: BARBANTI, Roberto. *L'Art au XXème Siècle et l'Utopie*. Paris: L'Harmattan, 2000.
7. BLOCH, Ernst. *Experimentum Mundi*. Paris: Payot, 1981.

Arquivismo: mobilizando e dando lugar a certa produção atual em artes visuais

Por Cristina Iar Ribas

A Arquivista pergunta-se:

- Como trazer a um tempo presente aquilo que ocorreu como evento no campo das artes visuais, isolado em tempo e espaço específicos?

- Como dar lugar ao que já foi, mas que por alguma razão parece merecer agora outra qualidade de lugar?

- Será um Arquivo o formato ideal para guardar e dispor documentos das realizações em artes visuais contemporâneas?

Há movimentos em arte que constituem territórios. Ou estabilizações momentâneas. Vou tentando criar palavras para comunicar o que estou pensando. *Palavrear* é uma forma de tentar dar sentido discursivo ao que ocorre por fora dessa prática. Mas apreendi há pouco que também as formas discursivas (prédefinindo-as como escritas, conversas, etc.) quando sendo reflexivas e críticas, fazem atravessar por si um corpo de sentido que lhes é próprio. Reescrevendo quase outra coisa, também apreendi há pouco que são as próprias formas de fazer que inscrevem formas de realidade no corpo social. Essas últimas poderiam ser tratadas a partir das formas discursivas, dando apreço ao ato de narrar, mas ao inscrever algo, pretendo em parte não narrar. Impondo-me o desafio de *trans-escrever* por meio de pensamento, planto-me em *investigação militante*. Investigação militante é um conceito desenvolvido pelo Colectivo Situaciones da Argentina, que dá às formas de fazer a característica de procedimentos não calcados em um conjunto de ideologizações (aprisionamento da mobilidade, espécie de dispositivo que prende a uma ideologia da qual não se é ator), mas sim em tais estabilizações momentâneas (atos movidos por um estado de interrogação constante, em que a incorporação de saberes distintos surgidos em contextos coletivos constitui o corpo do trabalho que se realiza). Então será que conjugando essas formas discursivas aos próprios fazeres encontraremos formas possíveis de propor relação entre os corpos?

Há um momento em que a prática artística penetra noutra qualidade de sentidos. Falando de mim, desde a coletivização da prática, com o grupo Laranjas (desde 2001), ao início da escrita de textos, e também com a monografia da faculdade, fui operando outras formas de inserção e inscrição ao campo da arte. Para uma artista que vinha da fotografia, ou da escultura, e depois da intervenção "muda" no espaço da cidade, começar a operar com formas de relacionar que vieram pela proposições discursivas permitiu um alargamento da interpretação ainda em processo. Me pergunto: será que vou produzir sempre trabalhos de arte, ou posso propor outra qualidade de estratégias?

Em 2005, com a escrita de um texto que analisava trabalhos de arte e suas proposições políticas no corpo social, acabei percebendo que era necessário pensar *aomesmotempo* como ações em arte constituíam ações políticas para o próprio campo, para os próprios agentes do campo. Quase uma tentativa de compreensão de como trabalhamos juntos, aprendendo coletivamente. Delimitei que não se tratava de perceber aqueles trabalhos e projetos voltados para repertoriar a própria arte (há alguns que chamam isso de metalinguagem), mas aqueles outros que têm potência de modificação do campo da arte, os quais desnaturalizam relações viciadas e refazem as condições de presença para que aconteçam. Daí surgiu um ARQUIVO, que começou como ajuntamento das coisas que tinha em casa, de um arquivo pessoal de anotações, fotocópias, catálogos e folhetos de trabalhos que eu gostava muito, e que operavam rupturas de alguma forma a convenções que eu observava na arte.

Nesse caminho, surgiu também a Arquivista, ocupada com essa função de pesquisa: coletar, sistematizar e guardar. E com essa operação de "arquivar" fui me aproximando de outras leituras, que me permitiram perceber a produção de um arquivo também como a produção de dados para a possível escrita de uma história. Entre as dúvidas iniciais, a de que o ARQUIVO poderia parecer uma forma demasiado antiga para tratar de algo tão presente, mas se eu pensasse num dispositivo *entretempos*, num arquivo formado por ações recentes, urgentes e emergentes, cujo trabalho me devolvesse à relação entre os corpos - produtores desses trabalhos que interessa documentar -, o arquivo poderia ser tão mais vivo que outra coisa. Desenhou-se então o ARQUIVO DE EMERGÊNCIA: documentação de eventos de ruptura.

ARQUIVOS

O objetivo do Arquivo de Emergência é dar outra qualidade de lugar a acontecimentos inscritos no CAMPO ESPECÍFICO, consciente de que os próprios EVENTOS e ESTRATÉGIAS é que portam a originalidade de suas proposições, a potência de seus devires. Os DOCUMENTOS desse Arquivo constituem anexos que contribuem para aproximações aos EVENTOS e ESTRATÉGIAS arquivados, não substituindo em nenhum momento os mesmos, à exceção de quando os próprios DOCUMENTOS são os DISPOSITIVOS DE AÇÃO de suas proposições.

No Arquivo de Emergência, os DOCUMENTOS arquivados estão em forma de registros produzidos com referência aos EVENTOS ou através de documentos originais dos EVENTOS. Nessa primeira categoria são registros impressos desses EVENTOS (relatos, imagens, descrições, e toda ordem de material) e uma FICHA-ÍNDICE sistematizada pela Arquivista. Na segunda categoria considera-se a natureza própria dos DOCUMENTOS, que podem ter sido produzidos como DISPOSITIVOS DE AÇÃO (os EVENTOS acontecem também a partir deles) a partir de ações com esse fim.



Apresentação do Arquivo de emergência em São Paulo, no Instituto Tomie Ohtake, 2006.

Para dar corpo ao ARQUIVO, elegi os próprios projetos de arte como ponto central do trabalho, a partir de suas propriedades específicas, ao invés de escolher agrupar material sobre os artistas ou os grupos, sobre parte ou totalidade de sua produção. Tal feito refere-se à vontade de aproximar-se da potência mobilizante que os trabalhos e projetos inscrevem no campo da arte e no corpo social, como se fixássemos o olhar para o momento em que ocorrem: fração *espaçotempo*, ou equação de especificidade e especialização. Para sublinhar essa *potência*, nomeei-os de EVENTOS e ESTRATÉGIAS, considerando-os como EVENTOS DE RUPTURA. Uma pesquisa segue em curso sobre todos esses conceitos utilizados, e entre eles há a vontade de encontrar um possível aspecto do político ativado pela ação artística.

O argumento central do trabalho que o Arquivo realiza refere-se a propriedades que podem ser inferidas aos **EVENTOS** e **ESTRATÉGIAS** inscritos no **CAMPO ESPECÍFICO**. Ao Arquivo interessa dar lugar aos materiais sobre trabalhos de arte que emergem como **EVENTOS DE RUPTURA** desse campo. São **EVENTOS**, **ESTRATÉGIAS**, **DOCUMENTOS** e **TEXTOS** carregados de uma potência que desnatura as relações do campo com uma espécie de inteligência contextual: ações que geram as **CONDIÇÕES DE PRESENÇA** para sua própria inscrição. São realizados a partir de um pensar operativo em arte, que está vivo nas tomadas de participação (**AÇÕES RELACIONAIS**), e nas retomadas dos mesmos. O Arquivo concebe a arte como sendo mecanismo ético e político do próprio campo de atuação, e por isso da sociedade

Para realizar o **ARQUIVO DE EMERGÊNCIA** detectei ferramentas que seriam necessárias para impulsionar o trabalho, as quais defini como sendo **Aproximação**, **diferenciação** e **coletivização**. Aqui em baixo detalho em parte essas ferramentas. Elas extravasam, claro, a sua própria significação primeira, e podem ter muitos outros sentidos quando pensadas em relação entre si e com o **ARQUIVO**.

APROXIMAÇÃO: a pesquisa do **ARQUIVO DE EMERGÊNCIA** se configura através das diversas ações da Arquivista e das contribuições dos agentes interessados. Ou seja, esse projeto foi concebido por vontade de agrupar realizações de diversos agentes-artistas de todo o Brasil, então é por um processo de aproximação por meio de ações de contato, conversas e entrevistas que começa o trabalho. Momentos de troca são muito importantes para que todos se sintam à vontade e convidados a participar desse projeto.

DIFERENCIAÇÃO: um dos aspectos específicos de um **ARQUIVO** é a sistematização dos documentos que arquiva, para que seja dado um acesso fácil aos documentos. Diferenciar, ou sistematizar, os **EVENTOS** e as **ESTRATÉGIAS** significa no **ARQUIVO** conferir-lhes índices relacionados diretamente a suas especificidades. A **MOBILIDADE INTERNA** do **ARQUIVO** pretende que as classificações criadas não sejam estanques, mas sim que possam ser modificadas conforme contribuições de agentes que tomarem contato com o **ARQUIVO**. Então um dos objetivos do **ARQUIVO** não é dar uma identidade comum a todos os feitos arquivados, mas sim permitir que por aproximação e diferenciação entre eles possam ser produzidas análises de relação (similaridade, contradição, simultaneidade, entre muitas outras).

Torna-se um desafio para o **ARQUIVO**, e para a Arquivista que o conduz, ativar por sensibilização os possíveis na arte, e não por uma sistematização do próprio fazer que possa impor regras aprisionantes aos procedimentos da arte. Percebi também que um estado de produção em colaboração e coletividade não pode ser rígido, e deve adaptar-se às formas de relação reais do campo artístico.

/// FORMADEARQUIVAR

O Arquivo desenha os conceitos a partir dos quais sistematiza os **DOCUMENTOS** arquivados, a partir de um índice que proporciona uma leitura contextual dessas inscrições: **DISPOSITIVO** (ação relacional / dispositivo de ação / criação de um território específico); **EQUIPAMENTO** (ação / exposição / intervenção / performance / outro); e dos possíveis temas de **PROPOSIÇÃO** (crítica) que tangenciam (artista / concurso / curador / grupo / história da arte / meio específico / mercado / museu / participador / outro / ?).

COLETIVIZAÇÃO: doar-se para ir ao encontro dos outros, ou seja, ativar outros agentes e corpos, é um objetivo do **ARQUIVO**.

Ao ampliar a gestão desse **ARQUIVO** espera-se que mais sentidos possam ser produzidos, trazidos pelos mesmos agentes que inscrevem suas experiências e proposições no campo. Devo encontrar aqui para a frente formas de permitir a apropriação e retorno do **ARQUIVO** por parte de terceiros (e dos próprios agentes que têm suas realizações documentadas), possibilitando que ele seja mais uma ferramenta nas suas estratégias de ação, se assim desejarem.



Entre gritando eu sei o que é arte contemporânea, de Luciano Mariussi. Trabalho apresentado em São Paulo, no Panorama da Arte Brasileira, 2005.

Arquivar tornou-se então uma atividade muito específica, com a qual pude estabelecer novas relações ou reatar contatos com amigos-agentes, (re)encontrando motivações semelhantes no fazer artístico. A pesquisa do **ARQUIVO** me permite conhecer outros trabalhos, que fazem uso de procedimentos distintos aos que eu vinha empregando em minha prática artística, ou mesmo que utilizam como prática artística procedimentos que eu vinha delegando a outras ações (pesquisa, crítica, etc). A inscrição das **CONDIÇÕES DE PRESENÇA** para acontecer, que é um dos conceitos do **ARQUIVO**, opera nesse sentido. Não se trata de inflexionar a prática artística a um *corpus* anterior e conferir se há propriedades semelhantes ao que é *artístico* (possível ato de exclusão ou inclusão), mas de perceber que são as próprias inscrições no campo específico da arte que o delimitam, lhe dão esse *corpus* que se torna heterogêneo e dinâmico, variável conduzido pelas vontades e formas de fazer dos agentes.



O lado de dentro de um outdoor, do grupo Clube da Lata. Montagem de uma pinhole sobre um outdoor. Intervenção realizada em Porto Alegre, 2001.

Na "Situação", texto de apresentação do **ARQUIVO**, escrevi que esse pretende contribuir, através da circunscrição que realiza, ao próprio campo da arte, constituindo-se da mesma matéria, e aproximando-se talvez do que é o artístico. Avaliando as condições de presença sob as quais o realizo, seria a condição primeira a de ser artista suficiente para garantir esse **ARQUIVO** como sendo trabalho de arte? Ao tratar o **ARQUIVO** como

trabalho de arte não estaria permitindo que a escrita da história recente e a apreensão do mapa de mobilidade dos agentes entrassem para o campo do artístico, e não ficassem de um lado de fora como anexos de historiografia, pesquisa, ...? E ainda, o que essa compreensão agrega ao sentido que já é mobilizado pela prática?

Há pouco li um texto que falava das dimensões da utopia na prática artística atual, e percebi como em parte já não me interessa pensar a prática em termos de utopia, mas sim aproximá-la mais e mais de um aspecto de realidade, de inserção numa coletividade na qual pudesse provocar interlocução. E então percebi que essa publicação organizada pelo GIA, por exemplo, constitui também uma forma de construção de novas pontes de relação entre agentes, e talvez ela mesma possa ser compreendida como forma de fazer artística.

Dos Laranjas trago um "tempo, tempo, tempo" (que vem lá de uma música do Caetano), e percebo que algumas vezes é na inscrição de atos com temporalidade distinta, dotados do ritmo do vivido e das próprias ações, que se caracterizam outras formas de fazer, talvez mais e mais próximas das inserções sensíveis dos artistas na realidade. Percebo que as pontes que criamos à nossa forma são inscrições de condições de presença distintas ao que uma certa ordem do mundo proporciona, e que as relações que propomos com essas inscrições configuram movimentos de potência e não de esvaziamento. Não serão essas, afinal, propriedades do artístico?

//// DÚVIDAS DO ARQUIVO

O Arquivo constitui uma pesquisa em curso, as perguntas iniciais que o configuraram agora fazem derivar outras dúvidas, mais e mais intrínsecas ao trabalho que gera. Entre elas: (1) se um arquivo pode permitir criar linhas de relação entre EVENTOS e ESTRATÉGIAS distintas, e entre todos os demais DOCUMENTOS (sempre relacionados a ações do vivido), torna-se um desafio não fechar os caminhos, mas permitir que todo tipo de relação e redes sejam formados, outros estudos igualmente mobilizantes. E também: (2) como possibilitar que em meio a tantos DOCUMENTOS sejam os corpos devolvidos a seu lugar de ação, sendo (re)ativos ao Arquivo de Emergência, dado que são estes a motivação gerativa de todo o trabalho?



Cris Iar Ribas é artista plástica, integrante do coletivo Laranjas, uma galera massa lá do sul...

Notas

1. Colectivo Situaciones www.situaciones.org
2. No texto utilizo 'corpos' e 'agentes' referindo-me às pessoas que executam tais ações. 'Corpos', geralmente é usado para falar de outros, de um todo-multidão que não se precisa quem são; 'agentes' por outro lado pode referir-se aos artistas que realizam seus atos especificamente no campo da arte, do qual trata o texto.
3. O texto é "Arquive-se: emergência de eventos de ruptura", publicado no Jornal Perdidos no Espaço/ 5º. FSM, Porto Alegre, 2005.
4. Essa compreensão pode estar próxima da noção de "enunciado" propagada por Michel Foucault, tal como ele escreve: "(o enunciado é) uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis, que faz com que apareça, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço". In: *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 98.
5. Aprendi com os trabalhos de Carla Zaccanini, Jorge Menna Barreto, Ricardo Basbaum, por exemplo, que outros caminhos para a prática artística são possíveis

escutar - olhar para - corpo voltado para - sorrir para
falar a - dirigir-se a - desejos expressos - dar ou lançar algo
fazer contato corporal - fazer pedidos - fazer perguntas pessoais
demonstrar habilidade - exhibir-se - ficar perto - reações afetivas



EIA - EXPERIÊNCIA IMERSIVA AMBIENTAL 2006

de 02 a 10 de dezembro

Apresentação

O EIA abre suas inscrições para a terceira edição da Experiência Imersiva Ambiental. A proposta da Experiência Imersiva Ambiental é realizar projetos de arte pública enviados por residentes do Brasil e do mundo, que possam ser executados facilmente no espaço público.

Durante os dias da experiência, os participantes formam um grupo que age na cidade. A força desse coletivo inicia-se nos meses que antecedem o encontro por meio das discussões no blog e do Ciclo de Debates. Essas reuniões prévias possibilitam a formação de uma inteligência híbrida, criada dentro das relações de trabalho, festa, descontração e contestação, que contribui para aumentar o potencial transformador das ações.

Nos encontros anteriores nos propusemos a reunir e viabilizar projetos de arte pública, dando voz a uma demanda apurada entre coletivos de artistas. Nesta terceira edição, modificações estão sendo propostas a fim de aprofundar ainda mais a relação com a cidade e transformar o espaço público em laboratório de vivências sócio política e ambientais.

Ruas: Um espaço possível

Poderá se inscrever qualquer artista, grupo ou cidadão.

A partir de vivências e discussões experimentadas no EIA, apresentamos aos interessados contextos específicos mapeados. Ao apresentar os contextos, reforçamos a intenção de aprofundar a ação coletiva urbana, potencializar a intensidade do encontro, além de estabelecer laços com projetos já em andamento em regiões específicas repensando nossa prática na cidade. Não nos interessa pensá-la como mero suporte para ações artísticas, mas sim construir uma nova relação com este espaço.

Sugerimos zonas de ação para que os proponentes tenham mais informações para elaborar projetos que fomentem a participação coletiva e o fortalecimento do espaço público. Estes mapeamentos e informações das zonas de ação poderão ser obtidos no blog <http://mapeia.blogspot.com/>. Esses contextos devem ser levados em consideração na elaboração dos projetos. Cada participante determinará o local onde quer agir.

O diálogo com o ambiente pode-se dar através de ações, performances, sons, apropriações, interferências, ativismo, instalações, pirações, objetos, situacionismo, materiais em suporte gráfico e intervenções.

As zonas de ação para o EIA 06 : Centro de São Paulo , Diadema , Jardim Irene , Zona Norte

Quando? De 02 a 10 de dezembro de 2006.

Como participar?

Mande um projeto, com data de postagem até dia 08 de novembro, descrevendo qual é o trabalho, sua forma de execução, materiais a serem utilizados (custeado pelo proponente), um parágrafo síntese do projeto e em qual das regiões ele deve ser realizado.

Inclua seu nome, telefone, celular e endereço eletrônico.

Todos os detalhes da montagem devem ser especificados no projeto.

O projeto pode conter imagens, textos, ilustrações, fotos, etc.

O projeto pode ser individual ou em grupo, especificando um responsável.

Os projetos não serão devolvidos.

Os projetos devem ser enviados pelo correio.

Endereço de recebimento dos projetos:

EIA (a/c Esmeralda Verde)

Rua Dr. Samuel de Castro Neves, 148, apto 123 Cep 04726- 240 São Paulo-SP

Envio e seleção:

Os projetos serão analisados pela organização da Experiência Imersiva Ambiental. Serão executados 50 projetos. Os projetos serão selecionados conforme as seguintes prioridades:

- ✍ Ordem de chegada dos projetos;
- ✍ Afinidade com as zonas de ação apresentadas;
- ✍ Presença física na semana de imersão;
- ✍ Viabilidade de execução;

O local do trabalho poderá ser modificado pelo EIA, desde que acordado com o proponente, caso ocorra desequilíbrio na quantidade de trabalhos enviados por região. As imagens de trabalhos realizados durante a Experiência Imersiva Ambiental poderão ser usadas pelo EIA, para divulgação ou projetos futuros. Os selecionados serão avisados por e-mail e a lista com os participantes será publicada no dia 13 de novembro no seguinte endereço: <http://mapeia.blogspot.com>

Os trabalhos selecionados deverão ser recebidos até o dia 28 de novembro no endereço de Esmeralda Verde ou trazidos pelo proponente durante a semana de imersão. Não nos responsabilizamos com gastos no envio do material, acondicionamento ou transporte indevido. Os trabalhos não serão devolvidos.

Etc

A execução dos trabalhos tem apoio logístico do EIA e pode ser realizado coletivamente ou pelo artista. Devido ao caráter independente do evento, não arcaremos com despesas de passagem ou alimentação, mas estamos buscando alternativas para hospedar os interessados em montar o próprio trabalho e/ou ajudar na montagem dos demais. Os participantes que desejam vir para São Paulo deverão manifestar seu interesse em seu projeto.



A comunidade Soteropolitana participa da "Fila" realizada em frente ao Elevador Lacerda, ponto e marco histórico da cidade de São Salvador. Os gringos também quiseram e participaram...

PARABÉNS GIA !!!!!!!!!

Ficha técnica??!

Editores: GIA

Gráfico: GIA

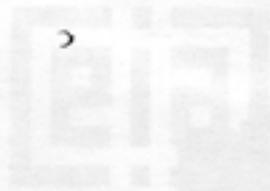
Corpo Editorial: GIA

Colaboradores: Fernanda Albuquerque, Cristina Ribas, Bua, Juliana, EIA.

Contato: arquivogia@gmail.com / www.giabahia.blogspot.com

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores.





EIA - EXPERIÊNCIA IMERSA

de 02 a 10 de dezembro

Apresentação

O EIA abre suas inscrições para a terceira edição da Experiência Imersa Ambiental, com o projeto de arte pública "Cidade de 100 Respostas" no espaço público.

Durante os dias de exposição, os participantes, com base em experiências anteriores e com o apoio de especialistas, desenvolverão uma investigação artística e social sobre o espaço público urbano.

Nos encontros serão realizados debates e oficinas de trabalho, visando a formação de uma rede de profissionais e cidadãos interessados em discutir o espaço público urbano.

Reservado um espaço para a realização de atividades de campo.

Podemos nos reunir para discutir o espaço público urbano?

A partir de visitas e observações, os participantes desenvolverão um trabalho de campo, com o objetivo de investigar o espaço público urbano e suas possibilidades.

Superar os limites do espaço público urbano e discutir as possibilidades de intervenção e transformação do espaço público urbano.

O diálogo com a comunidade pode promover a melhoria da qualidade de vida e a participação cidadã na gestão urbana.

Atividade de campo para EIA - Experiência Imersa Ambiental, Zona Norte, São Paulo, SP, em 02 de dezembro de 2010.

Quem pode participar?

Muito mais do que isso, a Experiência Imersa Ambiental é uma oportunidade para quem quer discutir o espaço público urbano e suas possibilidades.

Inscreva-se agora! Inscrições abertas até 15 de novembro de 2010.

Todos os detalhes de inscrições e inscrições, por favor, acessar o site: www.gia.org.br

O projeto pode contar com a ajuda de voluntários, artistas, designers, arquitetos, etc.

O projeto é gratuito para indivíduos ou grupos, empresas, organizações, etc.

Os projetos são de curta duração.

Os projetos são realizados em parceria com a comunidade.

Endereço: Rua Dr. Samuel de Sá, 145 - Vila Mariana, São Paulo, SP

Contato: arguiyovis@gmail.com / www.gia.org.br

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Realização:



APOIO:



- ✓ Apoio de empresas e projetos
- ✓ Apoio de artistas e designers
- ✓ Apoio de arquitetos
- ✓ Apoio de designers

O GIA é uma organização sem fins lucrativos, que atua na área de pesquisa, desenvolvimento e implementação de projetos de arte pública e intervenção urbana.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Etc.

A programação dos trabalhos de campo e pode ser realizada eletronicamente ou pelo ar. Devido ao caráter de participação do evento, não arcamos com despesas de transporte ou alimentação. Nossa intenção é buscar alternativas para garantir a participação de todos os interessados em manter o próprio trabalho e ajudar na montagem de um espaço de discussão e reflexão sobre o espaço público urbano em São Paulo e de todo o Brasil.

Quem pode participar?

Edição: GIA

Gráfico: GIA

Corpo Editorial: GIA

Colaboradores: Fernanda Albuquerque, Gislaine Ribas, Bia Juliana, EIA

Contato: arguiyovis@gmail.com / www.gia.org.br

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.

Os trabalhos publicados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do GIA.